

**Mídia e violência contra a mulher:  
A abordagem jornalística do feminicídio no Portal do Holanda**

**Media and violence against women:  
a journalistic approach to femicide on the Portal do Holanda**

Ariel Rodrigues BENTES<sup>28</sup>  
Ivânia Maria Carneiro VIEIRA<sup>29</sup>

**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar notícias sobre casos de feminicídio na cidade de Manaus (AM), a partir de publicações feitas no Portal do Holanda, entre janeiro a dezembro de 2019. As estratégias metodológicas são a sistematização de dados, análises qualitativa e de conteúdo. Foram identificadas 19 matérias no qual três delas, que atediam aos critérios de seleção adotados, foram analisadas. Todas elas reproduziam estereótipos sexistas, contribuindo para a banalização do feminicídio.

**PALAVRAS-CHAVE**

Violência contra a mulher. Manaus. Femicídio. Portal do Holanda. Discurso jornalístico.

**ABSTRACT**

This article aims to analyze news about cases of femicide in the city of Manaus (AM), based on publications made on the Portal do Holanda, between January and December 2019. The methodological strategies are the systematization of data, qualitative and analysis analysis. contents. Nineteen articles were identified, in which three of them, which met the selection criteria adopted, were analyzed. All of them reproduced sexist stereotypes, contributing to the trivialization of femicide.

**KEYWORDS**

Violence against women. Manaus. Femicide. Holland portal. Journalism.

---

<sup>28</sup> Recém-graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). E-mail: [arielbentes.jor@gmail.com](mailto:arielbentes.jor@gmail.com)

<sup>29</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). E-mail: [ivaniavieira04@gmail.com](mailto:ivaniavieira04@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este artigo resulta da inquietação da autora, enquanto estudante de jornalismo diante da cobertura jornalística dos crimes de violência contra a mulher, mais especificamente o feminicídio no Estado do Amazonas, com recorte na cidade de Manaus. O Portal do Holanda, lugar da pesquisa, é o site de notícias com o mais alto índice de audiência, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC) Brasil, entidade nacional sem fins lucrativos responsável pela auditoria multiplataforma de mídia.

De acordo com o livro “O que é violência contra a mulher” (2002), esse tipo de violência também conhecido como violência de gênero, compreende a “relação de poder de dominação do homem e de submissão da mulher” (TELES; MELO, 2002, p.10). Historicamente, na maioria das sociedades. Nesses papéis, organizados e difundidos pelo patriarcado<sup>30</sup> foram normatizadas as ideias de submissão das mulheres e de dominação dos homens, produzindo cotidianamente no ambiente público e privado uma relação violenta entre homem e mulher até a concretude da expressão máxima dessa violência que é a morte.

São analisadas notícias, publicadas no Portal do Holanda, no período entre janeiro a dezembro do ano de 2019, sobre casos de feminicídios ocorridos em Manaus. O recorte no Portal são as seções “Policial” e “Manaus” por serem, de acordo com levantamento feito em 2020, para a produção deste artigo, os espaços destinados à publicação das notícias a respeito da “violência contra a mulher” e “feminicídio”.

As estratégias metodológicas envolvem a sistematização de dados sobre a violência contra a mulher no Brasil e no Amazonas, leituras de livros e de documentos relacionados ao tema, e instrumentos de análise qualitativa e de conteúdo visando construir suporte à compreensão da construção social da violência contra a mulher e a identificar elementos da manifestação dos estados de violência<sup>31</sup> no discurso jornalístico.

---

<sup>30</sup> Para leitura ampliada ver LERGER. G. A criação do patriarcado – história da opressão das mulheres pelos homens (2020, p. 65).

<sup>31</sup> Conceito utilizado por Frédéric Gros em ‘Estados de Violência – ensaios sobre o fim da guerra’ (2009) que aqui tomamos por empréstimo por entender o feminicídio no Brasil como um tipo de guerra contra as mulheres, e pela abordagem feita pelo autor sobre a questão da midiaticização.

Por meio da pesquisa qualitativa e da análise de conteúdo foram examinadas as manchetes<sup>32</sup> das matérias e o corpo do texto considerando o discurso jornalístico e os enquadramentos dados ao conteúdo selecionado. A proposta é apresentar, neste artigo, elementos que contribuam à reflexão sobre as práticas jornalísticas e a cultura de violência contra as mulheres bem como apoiar práticas de leitura crítica de mídia.

## **A DOMINAÇÃO MASCULINA E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

O sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002) define a dominação masculina como uma violência simbólica, insensível e, por vezes, até invisível para as próprias vítimas. Instituições como Estado, família e escola são apontadas pelo autor como agentes que colaboram à perpetuação desse tipo de dominação, pois, ditam comportamentos, regras e valores que são absorvidos pela sociedade e repassados instintivamente por meio dos processos comunicacionais (BOURDIEU, 2002).

A dominação masculina abriga a violência praticada contra a mulher e ainda percebida como conduta natural e aceitável pela sociedade. Tanto é que no Brasil, de fevereiro de 2018 a fevereiro de 2019, 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento no país, sendo 42% ocorridos no ambiente doméstico<sup>33</sup>.

A frase “violência contra a mulher” ganhou força com o movimento feminista na década de 1970 e se refere a violência praticada pelo homem contra a mulher, pela condição de gênero, e pode se manifestar por meio de agressões físicas, psicológicas, morais e patrimonial (TELES; MELO, 2002). Esse tipo de violência faz parte das raízes da sociedade e tem como autoria principal o próprio parceiro íntimo da vítima (marido, companheiro ou namorado). Para a filósofa Simone Beauvoir (1949, p. 22), o patriarcado coloca a mulher no papel do ‘segundo sexo’ ou como o ‘outro’ personificado em uma pessoa extremamente passiva, frágil e destinada unicamente ao papel invisibilizado dos afazeres domésticos e da maternidade. Enquanto o homem é percebido pela sociedade no papel do super-herói, do indivíduo forte, inteligente e agressivo.

---

5 A manchete é o título principal de uma notícia, que se apresenta em letras garrafais seja no jornal ou na revista.

Em 2015, o Código Penal Brasileiro sofreu alterações e incluiu a Lei nº 13.104, que tipifica o feminicídio como homicídio<sup>34</sup>, reconhecendo o assassinato da mulher em função do gênero. O crime quando caracterizado como feminicídio é considerado hediondo e a punição é de 12 anos de reclusão. Para identificar uma morte como feminicídio e não como um assassinato comum, o judiciário brasileiro observa o contexto em que o crime ocorre, as circunstâncias e as formas de violência que resultaram na morte da mulher.

Reconhecida nas últimas décadas como problema de saúde pública por organismos internacionais, como a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), a violência contra a mulher é realidade angustiante na região Norte e, em particular, no Estado do Amazonas.

A Secretaria-Executiva Adjunta de Inteligência (Seai), vinculada à Secretaria de Segurança Pública do Amazonas (SSP-AM), registrou, no período de janeiro a julho de 2019, 15.199 mil casos de violência doméstica. No ano anterior, foram 11.443 mil crimes em igual período, ou seja, houve aumento de 20% entre 2018 e 2019.

## **O FEMINICÍDIO NA MÍDIA**

O consumo de notícias é feito pela necessidade de o indivíduo se informar sobre o ambiente social, político e econômico da cidade, do estado, do país e do mundo em que vive e a informação<sup>35</sup> está colocada como um dos direitos fundamentais da pessoa humana, como garante o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007, p. 1).<sup>36</sup>

O jornalismo, cujo princípio norteador é o caráter social e o compromisso com a verdade, tem o repórter como a figura responsável por reportar o fato<sup>37</sup> para o cidadão, sempre priorizando o interesse público e a divulgação precisa e correta da informação. Para que isso ocorra, é imprescindível que o jornalista esteja a par de ferramentas da teoria e da prática jornalística e compreenda, principalmente, o conceito de noticiabilidade.

---

6 Informações obtidas através destes links <https://bit.ly/2JGBepq> e <https://bit.ly/36OXhDh>.

<sup>35</sup> A informação é um “conjunto de conhecimentos acumulados sobre certo tema por meio de pesquisa ou instrução”, de acordo com o Dicionário online Michaelis.

<sup>36</sup> Disponível em <https://bit.ly/31RHV56>.

<sup>37</sup> Disponível em <https://bit.ly/31RHV56>.

A noticiabilidade, definida pelo jornalista Nelson Traquina (1948-2019), como um “conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia”. Além disso, o autor apresenta os critérios de noticiabilidade como um conjunto de valores-notícia que determinam se “um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 63).

Por meio do estilo dramático ou espetacular, que ‘distrai’ o público, o sistema imagístico regula as identificações sociais [...], administra o ethos modernizado [...] e simula padrões consensuais de conduta. Não se trata, pois, de ‘informação’ enquanto transmissão de conteúdos de conhecimentos, mas de produção e gestão de uma sociabilidade artificiosa, encenada num novo tipo de espaço público, cuja forma principal é a do espetáculo. (SODRÉ, 2006, p. 76).

É possível observar que o espetáculo na perspectiva de Muniz Sodré (2006) pode estar presente nos conteúdos que abordam a violência contra a mulher de modo que a questão não seja narrada de forma responsável, como ocorreu na cobertura feita pela imprensa no feminicídio de Eloá Pimentel, em 2008.

Frequentemente, mulheres vítimas de alguma violência são tratadas pela sociedade e pela mídia como as responsáveis pelos crimes que sofreram. É recorrente que o passado, a família e o trabalho dessa mulher violada sejam investigados. No imaginário social o qual a mídia contribui na construção, a mulher agredida deve provar se não teria “provocado” o companheiro e, com essa atitude, motivado o crime. Tratamento este que se aplica ao agressor, que como no caso de Eloá Pimentel (assassinada pelo ex-namorado Lindemberg em 2008) foi descrito como um “jovem tranquilo, trabalhador e apaixonado”.

Tais enquadramentos necessitam ser mais visibilizados, questionados e desnaturalizados. Movimentos sociais e feministas têm promovido críticas sobre a arquitetura utilizada pela mídia na construção de uma determinada imagem prevalente da mulher e na relação dessa prática com a forma de desenvolvimento das pautas relacionadas a violência contra a mulher.

As escritoras Débora Prado e Marisa Sanematsu (2017, p. 7) afirmam que o feminicídio é considerado o desfecho final de um histórico de violências e a imprensa exerce papel relevante em sempre nomear o crime e desnaturalizar ideias e práticas enraizadas nas relações pessoais e institucionais que reforçam a violência fatal contra a mulher.

## **ANÁLISE DE CONTEÚDO: A ABORDAGEM JORNALÍSTICA DO FEMINICÍDIO NO PORTAL DO HOLANDA**

Bardin (2011) define a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise que visa compreender as características e estruturas que constituem a mensagem. O processo é dividido em três fases: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados, fases estas utilizadas na produção deste artigo para entender como crimes de feminicídio têm sido noticiados no Portal do Holanda.

Na caixa de pesquisas do Google foram usadas as palavras-chave “mulher”, “mulher morta”, “violência contra a mulher”, “espancada”, “mulher agredida” e “feminicídio” para buscar notícias que abordem o tema trabalhado neste estudo. Foram encontradas 19 matérias que reportavam violências de gênero, publicadas entre 01 de janeiro e 31 de dezembro de 2019, prazo estabelecido para esta pesquisa.

O período definido para a coleta tem conexão com os dados oficiais envolvendo 26 estados e o Distrito Federal, apresentados na reportagem “Mesmo com queda recorde de morte de mulheres, Brasil tem alta no número de feminicídios em 2019”, do site de notícias G1. Aumento de 7,3% nos casos de feminicídio em 2019 quando comparado a 2018. A reportagem, feita em parceria com Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), registra que em média uma mulher é morta a cada sete horas no país.

Para análise neste estudo, as notícias encontradas a partir das palavras de buscas precisavam estar dentro de critérios previamente determinados, sendo eles: matérias publicadas nas seções “Manaus e “Policial” do Portal do Holanda, crimes ocorridos somente na cidade de Manaus e notícias que reportam o crime de feminicídio ou tentativa de feminicídio, mesmo aquelas notícias que não evidenciavam o termo no corpo textual. Não foram consideradas matérias sobre crimes relacionados ao tráfico de drogas, assaltos, dívidas ou quando não era possível identificar no texto a relação entre vítima e agressor.

Entende-se como notícia o relato de uma série de fatos “a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”, ou seja, a forma como o jornalista registra e organiza um acontecimento (LAGE, 2004).

Das 19 notícias identificadas no primeiro levantamento, três delas correspondem aos critérios adotados e citados anteriormente. As matérias apresentam as seguintes manchetes: “Em Manaus, homem é preso suspeito de tentar matar esposa esfaqueada”, publicada no dia 30 de março de 2019; “Bateu dizendo que queria uma prova de amor’, diz mãe da mulher morta a pauladas em Manaus”, publicada no dia 20 de agosto de 2019; e “Tio chora e confessa ter dopado e estuprado a própria sobrinha em Manaus, diz polícia”, publicada no dia de outubro de 2019.

**Tabela I** – Títulos de matérias mapeadas no Portal do Holanda

<b>Título</b>	<b>Data</b>	<b>Seção</b>
Mulher tem braço e nariz quebrados após ser agredida pelo marido em Manaus	26/01/2019	Policial
Paisagista brutalmente espancada diz que crime pode ter relação com filho	25/02/2019	Policial
Homem é preso suspeito de agredir a própria esposa em Manaus	20/02/2019	Policial
Homem que arremessou telha na ex tem recurso negado pelo TJ	06/02/2019	Brasil
Em Manaus, homem é preso suspeito de tentar matar esposa esfaqueada	30/03/2019	Policial
Fugitivo da Justiça é preso ao tentar agredir mulher em área vermelha de Manaus	05/10/2019	Policial
Mulher é encontrada morta com as mãos amarradas em Manaus	28/08/2019	Policial
Bateu dizendo que queria uma prova de amor', diz mãe da mulher morta a pauladas em Manaus	20/08/2019	Policial
Descontrolado, homem desfigura rosto de esposa a socos em Manaus	22/09/2019	Policial
Em Manaus, cozinheira é assassinada por homem que planejava sua morte há 5 anos	23/09/2019	Policial
Garota de programa recebe ligação misteriosa antes de ser morta a tiros em Manaus	24/09/2019	Policial
Mulher é executada em via pública na Zona Oeste de Manaus	23/10/2019	Policial
Tio chora e confessa ter dopado e estuprado a própria sobrinha em Manaus, diz polícia	07/10/2019	Policial
Nua, jovem é encontrada morta em área de mata em Manaus	25/11/2019	Policial
Caso Luzia: polícia prende suspeito de estuprar e matar empresária em Manaus	26/11/2019	Policial
Homem é preso suspeito de matar e espartear grávida em Manaus	12/11/2019	Policial
Suspeito de matar adolescente estrangulada é procurado pela polícia em Manaus	16/12/2019	Policial
Estudante é morta estrangulada no Amazonas; marido e sogra são suspeitos do crime	09/12/2019	Policial
Mulher nua é encontrada morta em terreno baldio no Amazonas	27/12/2019	Policial

Fonte: elaborado pelas autoras (2020).

Todas as notícias analisadas têm o esposo ou um familiar como o agressor dessas mulheres que foram vítimas de violências que resultaram em suas mortes. Em nenhuma delas aparece o

nome do profissional de jornalismo que apurou e redigiu a notícia, o que gera questionamentos sobre quem atua como jornalista é jornalista? E implica em padrões de confiabilidade e credibilidade para o leitor do Portal.

Na matéria “Em Manaus, homem é preso suspeito de tentar matar esposa esfaqueada”, publicada na seção “Policial” no dia 30 de março de 2019, a foto de destaque da notícia é uma faca suja de sangue usada como “Foto ilustrativa”, como a legenda da mesma diz. Quanto ao corpo texto, o/a autor/a discorre sobre o crime e tipifica-o como tentativa de feminicídio, mas o termo – feminicídio – não é utilizado na manchete da matéria. As manchetes nas matérias e reportagens têm a função de chamar a atenção do leitor e levá-lo à leitura do conteúdo, e, nomear a violência sofrida por aquela mulher neste espaço, é imprescindível para que o leitor tenha mais elementos e possa ampliar conhecimento e percepção sobre a violência de gênero ainda no primeiro contato com o texto.

**Figura 1** - Recorte de manchete do Portal do Holanda que não possui o termo feminicídio em seu enunciado



Fonte: Portal do Holanda.

O uso do termo feminicídio na manchete e no corpo do texto oferece visibilidade aos crimes praticados no país e auxilia no combate às práticas discriminatórias contra as mulheres no Judiciário. “É preciso deixar para trás termos que podem suavizar o fato. É o machismo enraizado

nas instituições e nas profissões”, diz Bianca Alves, advogada e coordenadora do Grupo de Trabalho de Enfrentamento à Violência Doméstica na OAB/RJ, em entrevista ao Manual Universa para jornalistas: Boas Práticas na cobertura da violência contra a mulher<sup>38</sup> (FERREIRA, 2020).

A manchete da matéria “‘Bateu dizendo que queria uma prova de amor’, diz mãe da mulher morta a pauladas em Manaus”, publicada na seção “Policial” no dia 20 de agosto de 2019 repete a suavização dos fatos. Trata-se da reprodução da fala da mãe da vítima. Há, nesse arranjo de intencionalidades reforço ao discurso prevalente da sociedade de que crimes contra as mulheres cometidos por seus companheiros são motivados pelo “amor” e pelo “ciúme”, romantizando<sup>39</sup> os atos de violência e, em alguma medida, justificando-os.

**Figura 2** - Recorte de manchete do Portal do Holanda que não possui o termo feminicídio em seu enunciado e romantiza o crime



Fonte: Portal do Holanda.

A violência contra a mulher já foi considerada um crime passionai, pois estaria relacionado a paixão entre o homem e a mulher. Com a Lei do Feminicídio (Lei nº 13. 104/15), atualmente o judiciário define e relaciona o crime ao menosprezo do homem pela vida mulher. Com isso, nas matérias jornalísticas o uso de frases como, por exemplo, “defesa da honra” e “sob violenta emoção” devem ser evitados (FERREIRA, 2020).

<sup>38</sup> O Manual Universa para jornalistas: Boas Práticas na cobertura da violência contra a mulher é um manual com condutas gerais e específicas sobre violência doméstica, sexual, feminicídio e violência de gênero na internet lançado pelo site Universa UOL em 2020. O documento foi elaborado com base em leituras específicas e entrevistas com especialistas.

<sup>39</sup> O termo “romantizar” refere-se a construção de romances ou descrições fantasiosas, de acordo com o Dicionário online Oxford Languages.

O texto não informa ao leitor, no primeiro parágrafo, quando e onde o crime ocorreu. A informação também não é apresentada ao longo do corpo da matéria. Dessa forma, observamos que o autor ou autora da matéria não utilizou o *lead* ou outro recurso como ferramenta jornalística para incluir dados essenciais da notícia sobre o crime. Para o jornalista e escritor Felipe Pena (2007), o *lead* padrão é mais utilizado pelos profissionais do jornalismo responde as seguintes perguntas: o que, quem, como, onde, quando e por quê. Porém, a matéria não informa quando e onde o crime ocorreu.

O texto reproduz outras falas (“Douglas era ciumento, tinha o costume de bater na minha filha” e “Ele disse que tinha quebrado o celular dela porque queria que ela desse uma prova que gostasse dele”) e, em nenhum momento, refere-se ao crime como feminicídio ou violência contra mulher e de gênero. A matéria também não apresenta informações que possibilitem conhecer o que teria acontecido com o agressor ou recorre a estatísticas de feminicídios ocorridos em Manaus que contribuíssem para contextualizar o “caso de Aline”.

Em 2019, o Instituto Patrícia Galvão publicou o documento “Imprensa e Direitos das Mulheres — Papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual” com uma série de perguntas que podem ser feitas para os envolvidos no caso, garantindo uma cobertura responsável com a questões de gênero. Dentre essas perguntas, “O crime será investigado como feminicídio segundo a Lei nº 13.104/2015?”, “A vítima buscou ajuda antes do crime?” e “Se a vítima buscou ajuda, qual foi o tipo de apoio ou serviço procurado?” são algumas das perguntas apresentadas no documento e que não são respondidas na matéria. (ARAÚJO, 2019).

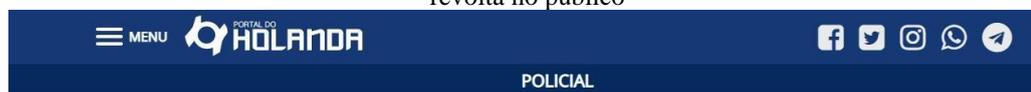
A notícia possui uma transmissão ao vivo realizada na plataforma Facebook incorporada no texto. A transmissão mostra a repórter entrevistando a mãe da vítima, visivelmente abalada. A faz questionamentos sobre o relacionamento que a vítima mantinha com o agressor como, por exemplo, se eles terminavam a relação com frequência e há quanto tempo eles estavam juntos. Em uma das falas, a repórter afirma que Aline “tirava por menos” as agressões cometidas pelo agressor, assim, novamente romantizando o caso e culpabilizando a vítima.

Com frequência as vítimas de feminicídio são tratadas como criminosas ou como as verdadeiras responsáveis pelos crimes que sofreram. Seu passado será investigado, sua família também, assim como seu trabalho e tudo o que possa ser usado para tornar duvidosas, do ponto de vista moral, a sua memória e sua história. [...] precisamos com urgência rever os padrões de atuação em casos de

violência contra as mulheres, de modo a preservar a memória dessas vítimas e seu direito à dignidade e ao respeito (ARAÚJO, 2019).

Já na matéria “Tio chora e confessa ter dopado e estuprado a própria sobrinha em Manaus, diz polícia”, publicada na seção “Policial” no dia 7 de outubro de 2010, o crime de estupro é tipificado tanto na manchete quanto no corpo do texto. Porém, a reprodução da frase da polícia em que a mesma afirma que o agressor teria chorado é um recurso utilizado para causar comoção ou revolta no leitor, gerando um sensacionalismo<sup>40</sup> do crime.

**Figura 3** - Recorte de manchete do Portal do Holanda que utiliza da emoção do agressor para sensibilizar ou gerar revolta no público



## Tio chora e confessa ter dopado e estuprado a própria sobrinha em Manaus, diz polícia

Fonte: Portal do Holanda.

Ao descrever a morte da vítima, que ao vomitar se engasgou com o mesmo e faleceu, o autor ou autora da matéria não esclarece se o agressor prestou socorro a ela e se, além do estupro, o mesmo foi indiciado ou não pela polícia por feminicídio.

Além disso, no texto é dito que a motivação do crime seria devido a problemas pessoais que o tio da vítima estaria enfrentando, assim, tentando justificar o crime cometido pelo agressor. O mesmo ocorre durante a transmissão ao vivo, incorporado na matéria, onde a repórter lê um comentário do público, no qual é dito que a mãe da adolescente teria facilitado para que o crime acontecesse. Após esta leitura, a repórter explica o caso e não apresenta nenhum contraponto a essa mensagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

<sup>40</sup> O sensacionalismo no jornalismo se apresenta através da reprodução de imagens ou frases que causam revolta no coletivo, segundo o site da Jus Brasil.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007) propugna que é dever do jornalista divulgar a informação de forma precisa, correta e de interesse público. É também dever do profissional respeitar a honra e a imagem dos cidadãos, e contribuir para a promoção dos direitos individuais e coletivos das crianças, negros, idosos, adolescentes e das mulheres. Mas no 5º país que mais mata mulheres no mundo, nem sempre isso é visto nas capas dos jornais impressos, na passagem do telejornal ou do rádio e na home do site ou portal de notícias.

O discurso gráfico, apresentado a partir da manchete, tamanho da fonte, disposição do texto (título e corpo), a escolha das palavras, e imagens que compõem a matéria enunciam um posicionamento da mídia. Anúncios disponibilizados nessas secções contribuem também agregam elementos que atuam na construção de um imaginário da objetificação do corpo da mulher e da naturalização da violência de gênero.

O Portal do Holanda, site de notícias com maior audiência de Manaus, atua silenciando e secundarizando a pauta das mulheres ao publicar, em um ano, 19 matérias sobre violência de gênero, entre janeiro e dezembro de 2019, ainda que o nome das agressões e crimes não sejam mencionados e com o agravante de o Brasil ser um dos países mais violentos para as mulheres.

O silenciamento e ou tratamento dado se revela nas matérias analisadas nesta pesquisa quando o portal não utiliza o termo “feminicídio” para tipificar os crimes, além de sensacionalizá-los ao reproduzir falas que podem gerar comoção ou revolta no leitor como, por exemplo, na manchete “Tio chora e confessa ter dopado e estuprado a própria sobrinha em Manaus, diz polícia”.

Um quadro a partir das análises das manchetes e matérias aponta que um tipo de seleção do fato para a produção da notícia ignora a violência e o feminicídio; expõe aparente desconhecimento e ou alheamento do jornalista e da empresa jornalística em relação a violência de gênero e ao feminicídio o que é reforçado pela dificuldade de acessar essas matérias a partir de palavras-chave “violência de gênero”, “violência contra a mulher”, “feminicídio” que não aparecem nas notícias e remetem a outros textos.

Outro ponto para reflexão é: o conteúdo produzido pelo Portal do Holanda é jornalístico? Como observado neste trabalho, as matérias analisadas não estão assinadas e os textos não apresentam estruturas e critérios considerados básicos pelos teóricos do jornalismo tais como o *lead*, referenciado neste artigo por meio do escritor Felipe Pena.

Aspectos de romantização desses crimes e a reprodução de estereótipos sexistas, como reproduzir comentário no qual afirma que mãe de uma das vítimas teria facilitado para que o agressor assassinasse a sua filha) são elementos da manchete e reaparecem no corpo textual das notícias. O discurso jornalístico, desta forma, contribui para a minimização dos crimes contra a mulher, desvaloriza a pauta sobre questão de gênero, da violência e se posiciona pela culpabilidade e o silenciamento das vítimas.

O feminicídio é o nível mais extremo do machismo e da violência contra a mulher. O intercruzamento ‘violência contra a mulher, feminicídio e mídia’ é um dos espaços de estudos de referência para ampliar produções que reflitam sobre esse campo e colocá-las à disposição dos cursos de jornalismo, dos sindicatos e associações de jornalistas e dos coletivos de mulheres e feministas. Quando o recorte é feito para o Amazonas, a necessidade dessas pesquisas ganha maior relevância diante do número ainda limitado das investigações acadêmicas sobre o tema.

A inquietação da estudante do jornalismo alimentou a disposição de percorrer o caminho de busca de respostas sobre a manutenção dessa tragédia em Manaus. Alguns indicadores aparecem: no conjunto das matérias do Portal do Holanda analisado a prática jornalística apresenta falhas, omissões e, dessa maneira, contribui com a manutenção do patriarcado e da violência abrigada nesse sistema. A mídia exerce função importante na divulgação e disseminação de narrativas que podem reproduzir condutas criminosas naturalizando-as. O jornalismo se justifica como área de estudo e de atuação profissional por ser necessário à sociedade na tomada de decisão, o que exige responsabilidade cidadã, ética e permanente exercício de investigação sobre o que é dado como fato para compor a notícia. As pautas violência contra a mulher e feminicídio permanecem atuais diante da gravidade da questão no Brasil e pedem compromisso do profissional e da empresa jornalística.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Luciana. **Imprensa e Direitos das Mulheres** - Papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual. Instituto Patrícia Galvão, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1949.

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas. **Federação Nacional dos Jornalistas**, Vitória, 2007. Disponível em: [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf). Acesso em: 10 de setembro de 2020.
- FERREIRA, Lola. Manual Universa para jornalistas: Boas Práticas na Cobertura da Violência Contra a Mulher. **Universo UOL**, São Paulo, 2020. Disponível em: [https://download.uol.com.br/files/2020/11/4273738876\\_cartilha-universa-violencia-contramulher.pdf](https://download.uol.com.br/files/2020/11/4273738876_cartilha-universa-violencia-contramulher.pdf). Acesso em: 25 nov. 2020.
- GROS, Frédéric. **Estados de Violência** – ensaios sobre o fim da guerra. Editora Ideias & Letras. São Paulo. 2009.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. Editora Ática, 2004.
- PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. Rio de Janeiro, Editora Contexto, 2006.
- PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa (Org.). **Femicídio: #invisibilidademata**. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2017.
- SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. 2. ed. Porto Alegre. Sulina Edipucrs, 2006.
- TELES, M; MELO, M. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo. Editora e Livraria Brasiliense, 2002.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado** – história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução de Luiza Sellera. Editora Cultrix. São Paulo. 2020.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.
- WALSELFISZ, Julio. **Mapa da Violência 2015** – Homicídio de Mulheres no Brasil. Organização das Nações Unidas, 2015. Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf). Acesso em: 20 set. 2020.